

Teorizações do turismo em direção a novas abordagens: uma discussão preliminar

Mirian REJOWSKI

Resumo: Este artigo, na forma de ensaio, aborda um conjunto de propostas teóricas do Turismo, com o objetivo de compreender parcialmente a evolução do conhecimento na área e provocar a discussão dos seus impactos nas pesquisas produzidas no Brasil. Percorrem-se as plataformas de estudo, desde a defensora até a da ética, as fases paradigmáticas, com a vigência do paradigma sistêmico, as releituras deste com base na sustentabilidade, ética e complexidade, e as proposições emergentes no âmbito da Hospitalidade, destacando suas respectivas configurações teóricas e seus pontos de contato ou de atrito. Destaca a necessidade de maior abertura dos pesquisadores para diferentes propostas, tanto na sua área de origem quanto em outras, e da apropriação e questionamento das teorizações e suas aplicações nas pesquisas. Ao mesmo tempo se impõe o cuidado com a legibilidade da comunicação científica que pode provocar ruídos, quando esta se apresenta prolixa e fechada em determinada área, comprometendo a efetividade da própria mensagem.

Palavras-chave: Turismo. Propostas teóricas. Modelos paradigmáticos. Novas abordagens.

Considerações Iniciais

No desenvolvimento de pesquisas sobre a comunicação científica em Turismo a partir de 2003, percebeu-se a necessidade de compreender mais a miúdo diferentes propostas teóricas, uma vez que um dos objetivos perseguidos era a sistematização e configuração do conhecimento gerado em nível de pós-graduação. Nesse sentido, tratou-se de aspectos conceituais e disciplinares, abordagem dos estudos e modelos paradigmáticos do conhecimento turístico, o que resultou em um conjunto de trabalhos reveladores das principais bases da pesquisa turística no Brasil (Rejowski, 2010).

Ao enfrentar um novo desafio para a elaboração de estudo preliminar em prol de um futuro tesouro em Turismo (Rejowski, 2011), constatou-se que tal intento não seria possível sem maior clareza da estruturação teórica dessa área. Daí a retomada da análise de estudos com essa temática, quando se resgataram estudos com abordagens inovadoras que causaram surpresa e entusiasmo com a temática (Rejowski, 2013).

Sem ter a pretensão de um estudo epistemológico, este artigo de caráter ensaístico objetiva provocar a comunidade científica para uma discussão de diferentes modelos e/ou abordagens teóricas do Turismo que se revelaram verdadeiros “tecidos”, cujos fios que se entrelaçam, se tocam ou se distanciam com maior ou menor intensidade. Não se detalha exhaustivamente cada um deles, mas se destacam seu foco central e os seus “tentáculos”, a fim de buscar maior esclarecimento da sua trajetória e de influências nas pesquisas turísticas neste país.

Inicia-se pelas plataformas de estudo do Turismo, desde Jafari e Aaser (1988) a McBeth (2005), e como esta última se reflete no estudo de Sogayar (2010) acerca de um novo modelo do ensino superior na área. Em seguida, com base no estudo das fases

paradigmáticas do Turismo de Panosso Netto (2005), revisitam-se estudos com influência marcante no Brasil, destacando a vigência do paradigma sistêmico e suas aproximações a outros modelos, ao lado de propostas em outras direções teóricas. Por último observa-se a vitalidade da visão sistêmica em novas configurações teóricas, desde o modelo auto-eco-orgânico (Möesch, 2004) ao sócio-ecológico-complexo-adaptável (2015), e a emergência de novas proposições, como a de Lugosi, Lynch e Morrison (2009) com a identificação de orientações teóricas que explicam a evolução dos estudos na área da Hospitalidade.

Plataformas de estudo e outras abordagens

Os estudos acerca das abordagens teóricas do Turismo iniciaram-se no final da década de 1980, com o trabalho inovador de Jafari e Aaser (1988) que, a partir da análise da bibliografia especializada em língua inglesa, identificaram quatro plataformas para explicar a evolução do conhecimento científico na área: defesa, advertência, adaptação e conhecimento científico (ou básico). Tais plataformas, embora tenham surgido cronologicamente, em continuidade e oposição às anteriores, não as substituem, uma vez que coexistem. Jafari (2001; 2003; 2005) publicou posteriormente releituras desse estudo consolidando o seu posicionamento e abrindo espaço para uma quinta plataforma¹. Neste ensaio interessa explicitar esta, já que as anteriores foram aceitas e exaustivamente citadas por vários autores desde a década de 1990, como Rejowski (1993) e Tribe & Airey (2007).

A plataforma do interesse público aparece como resultado de acontecimentos inusitados que tiveram forte impacto em destinos turísticos, como o ataque terrorista às torres gêmeas em Nova York (11 de setembro de 2001) e a epidemia SARS – *Severe Acute Respiratory Syndrome* (2003) – em Guangdong (China) e Toronto (Canadá). Para reverter a imagem desses destinos e a paralização dos seus fluxos turísticos, os governos, ONGs e cidadãos reconhecidos foram a público reclamar atenção ao Turismo, apropriando-se deste como um bem público. Emerge assim o interesse público pelo Turismo, até então de pouca ou nenhuma relevância.

Esse interesse deveria se consolidar como um apoio formal ao Turismo não apenas em situações emergenciais transitórias, mas sim de forma permanente: “uma voz [...] que ajuda o turismo a ocupar seu lugar legítimo junto aos demais [setores] em círculos locais, nacionais ou internacionais [...]”, que mudaria a mentalidade do setor para atuar com decisão, de forma a prever os acontecimentos, formular opções, oferecer alternativas à disposição para influir e até canalizar os acontecimentos antes da sua ocorrência (Jafari, 2005, pp. 45). Para esse autor, o conhecimento produzido nas quatro plataformas anteriores começava a ser aplicado efetivamente no setor produtivo, com a maior valorização e evolução do Turismo enquanto campo de estudo e área de formação acadêmica. Ao mesmo tempo assinala que,

¹ No últimos desses textos, escrito em espanhol, a plataforma de defesa aparece com a denominação de apologética, a de advertência é citada como precatória, e a de conhecimento científico é renomeada de científico-cêntrica (JAFARI, 2005).

se consolidada, tal plataforma se expandiria para além da esfera econômica, alcançando as esferas sociais e culturais.

De imediato essa quinta plataforma foi questionada por McBeth (2005), frente à complexidade, popularidade e importância dos conceitos de desenvolvimento sustentável, cujas implicações são eminentemente éticas. Para ele, na pesquisa em Turismo há uma visão reducionista e positivista, cujo grande desafio seria o de encontrar um paradigma de pesquisa pleno de valores. Aponta que o modelo de Jafari é inadequado porque não considera a ética e o conceito de sustentabilidade, o que constitui “um ponto cego” em sua teoria, a qual deveria evoluir para incorporar a sustentabilidade como um paradigma, constituindo assim a plataforma da sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, destaca a necessidade de se ter cuidado com as visões de turismo sustentável, com a teorização, e com o foco orientado apenas aos negócios (McBeth, 2005). Propõe em seguida a *plataforma da ética*, a fim de se questionar a moralidade das ações de planejamento, desenvolvimento, gestão e políticas públicas, ou seja, o engajamento da ética nas ações dos acadêmicos, consultores e planejadores. O seu objetivo seria desenvolver a autoconsciência em acadêmicos e profissionais em relação às suas posições éticas e as respectivas implicações para o desenvolvimento e o turismo sustentáveis. Propõe nesse sentido um alinhamento comercial, político, econômico e científico para o desenvolvimento sustentável e a aceitação de uma ciência de valores.

Enquanto as cinco plataformas de Jafari (2005) apresentam uma descrição cronológica do conhecimento em turismo, a sexta plataforma de McBeth reforça o engajamento com as questões éticas fundamentais e com a proposição futura de uma matriz voltada à ética. Considera-se que tal posicionamento é válido, pois as cinco primeiras plataformas, incluindo a sustentabilidade como a quinta, sustentam a sexta plataforma com foco na ética. Se a sustentabilidade já era discutida desde a década de 1980, a ética se impõe na década de 2000 em prol da mudança de valores no âmbito do ensino superior e da pesquisa científica, em todas as áreas de estudo, inclusive em campos recentes como o Turismo e a Hospitalidade.

Tais preocupações para a compreensão epistemológica do Turismo estão presentes também em outros estudos. McLaren (1998), por exemplo, destaca no seu livro *Rethinking tourism and ecotravel* a necessidade de viajantes e membros da comunidade estarem mais cientes dos problemas globais e/ou internacionais que afetam o Turismo, como o tratamento do meio ambiente, os abusos dos direitos humanos, o crescimento da pobreza, as lacunas (*gaps*) na economia, o incontrolável poder político das organizações internacionais e a destruição do planeta. Já Dachary e Burne (2006), ao discutirem o realinhamento do turismo à sustentabilidade, indagam acerca da formação de um novo paradigma dos estudos turísticos; e consideram que a análise de fenômenos globais como o turismo é ainda mais complexa frente aos novos problemas do século XXI, o que evidencia a necessidade de uma visão holística, de estudos específicos sobre o mesmo e de se considerar a sociedade turística emergente como um modelo próprio.

Outro trabalho a ser citado nesse sentido é o de Sogayar (2010), sobre o movimento *TEFI – Tourism Education for Future Initiatives*, iniciado em 2006 como uma iniciativa em defesa de um novo modelo da educação superior em Turismo, face às pressões da sustentabilidade, ética e globalização/internacionalização para mudanças globais, como as alterações no perfil do emprego. Com isso, habilidades e conhecimentos devem ser redefinidos, ao lado de se buscar maior responsabilidade em relação ao destino turístico na formação superior, o que poderia ser alcançado a partir de um novo modelo baseado em valores renovados, imprescindíveis para formar profissionais diferenciados e engajados com a cidadania global.

Os valores que compõe esse modelo são a ética, o profissionalismo, o zelo, o conhecimento e o respeito mútuo, que se sobrepõem e originam “outros valores apropriados para diferentes cursos e unidades em diferentes situações profissionais” (Sogayar, 2010, p. 63). Essa autora investigou detalhadamente a concepção e estrutura desse modelo sob a ótica das abordagens teóricas da Hospitalidade, e concluiu que: a) a hospitalidade apresenta-se de forma aparente em todos os cinco valores do modelo, com maior ênfase na ética, no zelo, e no respeito mútuo; b) a hospitalidade poderia ser incorporada no seu aprimoramento ou como uma força de pressão ou como um valor. Destaca a importância de não adotar a Hospitalidade como sinônimo de hotelaria, mas sim com o seu verdadeiro sentido na humanização do Turismo, que poderia levar a um novo paradigma epistemológico.

Percebe-se assim a discussão sobre a validade dos paradigmas atuais, ao lado da necessidade da elaboração de outros modelos de estudo do Turismo e da Hospitalidade, tendo em vista indicadores de mudança que não podem mais ser marginalizados nos fenômenos complexos do século XXI, ao lado da sustentabilidade e dos valores, em especial da ética. Mas antes de tratar dos estudos inovadores, é preciso revisitar os paradigmas da pesquisa turística.

Fases paradigmáticas

O termo *paradigma* é comumente compreendido como padrão a ser seguido. No meio científico seria um modelo teórico (conceitos, teorias, valores) adotado em estudos e pesquisas, representando, assim, uma visão de mundo. Um pesquisador, ao adotar um paradigma, agirá conforme os axiomas deste e se identificará, consensualmente, aos demais estudiosos da comunidade científica (os “pares”) que o adotam, sem questioná-lo ou criticá-lo. Se, de um lado, provocam a evolução do conhecimento, de outro, podem bloquear o pensamento e, até, confiná-lo, restringindo assim o avanço da ciência.

Dencker (2003), ao tratar da abordagem científica em Hospitalidade (e do Turismo), cita quatro paradigmas a nortear as pesquisas: sistemas, ideia de rizoma, holismo e abordagem interdisciplinar. Considera o paradigma sistêmico como “predominante nas abordagens do fenômeno turístico”, e ressalta a complexidade como “parte da produção do conhecimento científico em todas as áreas” (Dencker, 2003, pp. 103-104); assim, sistemas

simples ou complexos seriam utilizados dependendo das problemáticas dos estudos a serem realizados.

A noção de rizoma vem da botânica, onde é um componente de algumas plantas com variada função da raiz, talo ou ramo, independente da sua localização. Possibilita a conexão de um ponto a qualquer outro e contrapõe-se à ideia arborescente do conhecimento, uma vez que se dirige à formação de conjuntos complexos de saberes entrelaçados, que compactuam multiplicidades, proliferando conhecimentos e extinguindo as linearidades e as raízes (Gallo, 2003). Pode-se então efetuar diferentes recortes referentes, por exemplo, aos impactos do turismo e das comunidades receptoras - recortes socioantropológicos -, ou aos aspectos da produção e do consumo - recortes administrativos e financeiros (Dencker, 2003).

A visão holística para essa autora permeia a construção do conhecimento científico visando a sua integração, ou seja, prioriza a complementaridade do conhecimento mediante a concepção da multidisciplinaridade, que integra e facilita a produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que reconhece a evolução dessa valorização para a interdisciplinaridade como um aspecto positivo.

Percebe-se que Dencker (2003) abordou a evolução dos campos científicos da Hospitalidade e do Turismo com base em paradigmas antes de Panosso Netto (2005) agrupar e classificar as abordagens teóricas do Turismo em três fases paradigmáticas - *pré-paradigmática*, *paradigmática* e *novas abordagens* - e duas fases de transição, depois consideradas apenas uma (Panosso Netto & Trigo, 2009). A contribuição deste último autor reside na sistematização das principais abordagens teóricas do Turismo e na indicação de uma fase de transição para novos paradigmas, com o posicionamento de autores que contestam o sistemismo. Importa destacar alguns desses teóricos que tiveram influência marcante no Brasil.

Entende-se que na fase pré-paradigmática situam-se os primeiros teóricos do Turismo, que apesar de teorizarem não se fundamentam em uma escola de pensamento em suas propostas e nem apresentam o aprofundamento necessário que as comprove (Panosso Netto, 2005). Um autor com presença marcante no ensino superior em Turismo no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, foi Fernández Fúster (1971) com o livro intitulado *Teoría y Técnica del Turismo*. Como uma das poucas obras a tratar de forma abrangente o Turismo, e escrito em espanhol (mais acessível aos acadêmicos brasileiros), foi bibliografia referencial e não podia faltar nas bibliotecas das instituições que ofertam cursos de bacharelado na área.

Na segunda fase, situam-se os estudiosos que criaram o primeiro paradigma nos estudos turísticos, baseado na teoria geral de sistemas. Dentre os vários autores, destaca-se no Brasil a proposta do SISTUR – Sistema de Turismo, elaborado por Beni (1988 e 2001), o qual foi amplamente utilizado na concepção das propostas pedagógicas de cursos superiores e no desenvolvimento de pesquisas na área. Sob outra visão sistêmica, citam-se os livros editados em espanhol e português que influenciaram estudos de planejamento turístico no país, como o de Boullón (2002) intitulado no Brasil como Planejamento do Espaço Turístico.

Este autor considera a integralidade do fenômeno turístico mediante um sistema de múltiplas facetas que pode apresentar várias versões explicativas².

Na fase de transição, situam-se estudiosos que, apesar de se fundamentarem na teoria geral de sistemas, avançam para abordagens inovadoras do turismo. Com maior influência no Brasil, pode-se destacar, sem dúvida, dois deles - Jost Krippendorf e Sérgio Molina.

O trabalho mais conhecido de Krippendorf é o livro “Sociologia do Turismo”, que teve três edições em português (1989, 2000 e 2009). Esse estudioso é considerado um dos criadores do conceito de turismo sustentável, e defende a humanização do turismo com novas possibilidades de realização do lazer e das viagens turísticas. Apresenta um sistema existencial da sociedade industrial (Krippendorf, 2000), valorizando o ser humano em seu cotidiano e não cotidiano. Interessante anotar que a edição original do livro citado (em alemão) data de 1984 e traduz as preocupações dos estudiosos da plataforma de adaptação de Jafari (1994). Ressaltam-se as suas teses para a humanização do cotidiano e das viagens, cuja atualidade ainda persistem.

Das obras de Molina, cita-se o Pós-Turismo, que apresenta novas possibilidades para o desenvolvimento do Turismo na pós-modernidade, com ênfase no papel dos sujeitos (Molina, 2003). Nessa obra detalha a sua proposta teórica com base na fenomenologia, mas não apresenta um modelo gráfico que a ilustre. Vale lembrar que a sua aproximação com a comunidade acadêmica brasileira se deu mediante participação em diversos eventos científicos da área, especialmente nas duas últimas décadas deste século.

Na fase de novas abordagens, dois autores que se merecem ser citados são John Urry e John Tribe. A influência do primeiro se intensifica a partir da edição em português do livro O olhar do Turista (URRY, 1996), que sinaliza claramente o turismo na pós-modernidade, antes da proposta de Sérgio Molina, e apresenta uma visão crítica das transformações de locais turísticos em espaços de celebração de prazeres.

Quanto a John Tribe, este passou a ter influência mais recente no Brasil, a partir do estudo das fases paradigmáticas de Panosso Netto (2005) e, principalmente, ao se tornar editor chefe do *Annals of Tourism Research* no final da década de 2000. No seu artigo intitulado *The Indiscipline of Tourism* (Tribe, 1997) defende, ao contrário de Jafari (1994), que o Turismo nunca será uma nova disciplina, pois é dependente de outras áreas disciplinares. Apresenta um modelo de produção do conhecimento em Turismo composto por dois campos – um voltado para os aspectos comerciais e outro para os aspectos não comerciais –, circundados por uma banda “k” de purificação das teorias sustentada em conhecimentos de “n” disciplinas. Considera-se relevante neste modelo a integração entre o conhecimento produzido na academia e aquele oriundo da prática (negócios), em uma perspectiva multi, inter e extradisciplinar.

Ao se associar o posicionamento teórico dos estudiosos do Turismo nos primeiros tópicos deste artigo, percebe-se que os modelos teóricos divergem e convergem, em uma

² Molina (1991) também apresenta um sistema turístico composto da superestrutura, demanda, infraestrutura, atrativos, equipamentos e instalações e comunidade receptora.

dinâmica de evolução do conhecimento para novas configurações que possam explicar o Turismo na contemporaneidade, tal como se aborda a seguir.

Releituras do paradigma sistêmico e novas proposições

A busca por outros modelos para o estudo do Turismo levou estudiosos a proporem novas leituras do sistemismo, herança paradigmática que ainda mostra vitalidade, e de outro, apresentaram proposições inovadoras com base em teorias empregadas em outras áreas. Os estudos referenciados a seguir constituem uma amostra inicial para a compreensão de percursos teóricos recentes ou até “esquecidos”.

Na evolução do sistemismo tem-se no Brasil o estudo pioneiro de Möesch (2004), que se fundamenta na sociologia compreensiva de Michel Maffesoli e na teoria da complexidade de Edgar Morin. Por meio de uma abordagem dialética-histórico-estrutural, a autora busca um novo conhecimento turístico com base nas seguintes categorias: sujeito, tempo, espaço, economia, tecnologia, diversão, ideologia, imaginário, comunicação e nomadismo, que dialogam de forma interdisciplinar (Möesch, 2004).

Propõe um sistema turístico aberto e auto-eco-orgânico, formatado como um holograma composto pelas dez categorias citadas, sendo que cada turista é um ponto, cada parte está presente no todo e o todo está presente em cada parte. Coloca de forma implícita a sustentabilidade, ao explicar que uma concepção epistemológica aberta da relação sujeito-objeto, onde ambos se integram, indica que “o objeto turístico deve ser considerado em seu eco-sistema”, (Möesch, 2004, p. 462). Assim, defende uma nova forma de pensar o Turismo, um novo paradigma a nortear as pesquisas, a partir da sua apreensão como um fenômeno complexo e humano: “o humano no Turismo, é origem e reprodução, mas também, de forma dialética, é destruição [impactos negativos econômicos, socioculturais e ambientais]” (Möesch, 2004, p. 463).

Pode-se inferir a influência de dois estudiosos nessa proposta teórica face à aproximação de Möesch com Jost Krippendorf, pela visão sociológica, e Mário Carlos Beni, pela visão sistêmica do Turismo. Assinala-se que este modelo teve pouca receptividade da comunidade científica no Brasil, apesar de sua atualidade e ineditismo na época em que foi desenvolvido. Tal fato pode ser explicado face a: a) questionar o Sistur enquanto paradigma consolidado; b) ter sido pouco divulgado ou compreendido junto à comunidade científica; c) requerer uma nova postura científica baseada no pensamento complexo e transdisciplinar; d) ou não ter sido comunicado de forma mais legível aos acadêmicos da área. Não se sabe a razão da não inclusão desta proposição teórica na fase de novas abordagens de Panosso Netto (2005), uma vez que é anterior ao estudo desse autor.

No mesmo ano surge outro estudo fundamentado sustentabilidade e na complexidade, visando uma nova configuração dos estudos turísticos. Farrel e Twining-Ward (2004) abordam um novo conceito de Turismo utilizando o conceito inovador da Gestão Adaptável (AM) como uma forma efetiva de gerir o sistema turístico, defendendo a vinculação dos estudos turísticos à Ciência da Sustentabilidade. Nesse sentido, para

entender um sistema complexo adaptável e resolver a crise ambiental, é necessário considerar os vínculos existentes entre os sistemas humanos e os sistemas naturais e o conhecimento sobre os métodos não-lineares (não-regulares) no âmbito dos sistemas complexos.

Para eles o Turismo pode ser estudado por meio de um modelo de sistema composto por múltiplos níveis, desde o mais nuclear ao central e al global, abertos, inter-relacionados e hierarquizados. Denominam esse modelo como Sistema Turístico Complexo Adaptável, constituído de diferentes componentes regidos por fluxos de energia, materiais e informações que podem cooperar ou competir entre si, resultando em trocas múltiplas e com natureza imprevisível, conhecidos como “auto-organizações”. Nele ocorrem três situações distintas que orientam os processos - *retroalimentação positiva*, *retroalimentação negativa* e *entropia estrutural* – e a sua gestão deve ser flexível, adaptável e experimental de acordo com escalas compatíveis às suas funções essenciais. Por exemplo, o estudo da capacidade de carga deve ser uma ferramenta experimental, em constante revisão, e ter o objetivo de se adaptar a novos conhecimentos científicos, baseados na localidade a ser estudada, em determinados períodos, com um comportamento turístico específico da região e com a avaliação das preferências locais; assim, o estudo se transforma em um *estudo de capacidade de carga adaptável*. Assim, esse modelo não é fixo, mas sim dinâmico e em constante mutação.

Nessa linha de pensamento, Nogueira de Moraes (2009) apresenta um modelo de representação do Turismo, a partir de melhor compreensão e objetividade da sua relação com a sustentabilidade. De forma clara e competente, aborda a evolução do conceito de sustentabilidade, discute criticamente dois dos principais modelos sistêmicos do turismo (Leiper, 1979; Beni, 1998), e concebe um novo conceito aplicado ao desenvolvimento turístico,

[...] capaz de incorporar o modo como as necessidades humanas não fisiológicas estimulam a criação de sistemas humanos complexos, com o propósito de incrementar sua capacidade adaptativa e diminuir os riscos advindos com a incerteza das consequências do impacto humano nos recursos e sistemas complexos ambientais, de forma a garantir a satisfação de necessidades fisiológicas para a sobrevivência e perpetuação da espécie. Tal modelo também incorpora o preceito de que um processo de redesenho cíclico (ou de reformatação contínua) se estabelece entre o meio ambiente e o homem, por meio do qual se entende que mudanças antropogênicas no meio ambiente acabam por afetar o próprio agente de tal mudança. (Nogueira de Moraes, 2009, p. 9)

Apresenta graficamente um modelo sistêmico de representação do Turismo no contexto da sustentabilidade, que fundamenta, mais tarde, a sua tese de doutorado. Nesta, Nogueira de Moraes (2014) avança no detalhamento teórico e operacionalização desse modelo, em direção à perspectiva de um *Social-Ecological Complex Adaptive System* (SECAS). Investiga a dinâmica sob a resiliência dos SECASs em dois destinos turísticos insulares de características similares: Arquipélago Fernando de Noronha (Brasil) e Lord Howe Island

(Austrália). Os resultados obtidos apontam para a validade do modelo, que integra diferentes áreas de conhecimento, aplica métodos da *grounded theory* e desenvolve uma aproximação da transdisciplinaridade com a sustentabilidade. Conclui que o empoderamento local, a coesão social local, o apego ao lugar e a identidade local são fundamentais para a resiliência dos SECASs locais e, portanto, para a sustentabilidade do desenvolvimento do turismo; e que nessa abordagem a conservação local pode tanto aumentar quanto diminuir a resiliência dos sistemas sócio-ecológicos locais e globais. (Nogueira de Moraes, 2014)

Por fim anota-se que um novo SISTUR encontra-se em desenvolvimento, como uma evolução e integração dos modelos sistêmicos de Beni (2001) e Möesch (2004), e a influência dos estudos de Nogueira de Moraes (2009; 2014). Conforme contato por email com os seus idealizadores, a reconstrução do SISTUR se pauta na teoria da complexidade de Morin (2001), que

[...] o apreende como sistema vivo, que se auto-organiza, e realiza sua autoprodução, ao mesmo tempo em que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema. (Beni & Möesch, 2015)

Mas além do conceito de complexidade, sua compreensão requer ainda outros parâmetros, como o ambiente em rede, a auto-eco-organização, a autonomia, a conectividade, a interatividade e a recursividade. Como um sistema vivo, “*se auto-organiza, e realiza sua autoprodução, ao mesmo tempo em que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema*” (Beni & Möesch, 2015, s. p.). Diferentemente do modelo original do SISTUR, está representado na forma de imagem holográfica, centra-se na noção de cluster turístico e “*pressupõe todos os discos representativos de cada subsistema [...] no mesmo plano de idealidade*” (Beni & Möesch, 2015).

Para a maior compreensão e adoção desses dois modelos sistêmicos nas pesquisas turísticas, é imprescindível o domínio do arcabouço teórico acerca da complexidade, de um lado, e, de outro, da sustentabilidade, tendo em vista os seus avanços e aplicações. Tal desafio também aparece em outra corrente de pensamento que vem sendo retomada e discutida em várias áreas das Ciências Sociais Aplicadas, inclusive em Turismo e Hospitalidade. Trata-se da teoria crítica em confronto com a excessiva valorização da pesquisa quantitativa e o questionamento do positivismo na ciência, influenciada em grande parte pelas teorias do discurso e do pós-estruturalismo.

Especialmente na área do Turismo, citam-se dois livros, sob o título geral *The critical turn in tourism studies*, com estudos de várias áreas do Turismo em defesa ao retorno da pesquisa ao pensamento crítico, a partir de metodologias inovadoras (Ateljevic, Pritchard & Morgan, 2007) e criação de uma “*academia de esperança*” (Ateljevic, Pritchard & Morgan, 2012), os quais parecem ter estimulado estudos nessa linha. Um deles é o artigo de Lugosi,

Lynch & Morrison (2009), cujos autores exploram questões-chaves do crescimento dessa abordagem na academia em direção a uma nova agenda para a pesquisa em Hospitalidade. Por meio de uma representação gráfica apresentam a evolução da pesquisa em Hospitalidade em três orientações, sendo a terceira resultante da superposição das duas primeiras:

- Pesquisa em Estudos da Hospitalidade: foco em assuntos e sociais; construtivismo fenomenológico dominante; altamente liberal; orientada para a teoria; altamente ética e reflexiva; centrada em redes complexas, ecléticas e acadêmicas; múltiplos interesses.
- Pesquisa em Gestão da Hospitalidade: interesse nos negócios; orientada para a prática; foco limitado sobre assuntos “industriais” específicos; predominantemente positivista e realística; centrada em redes acadêmicas especificamente orientadas à gestão; predominantemente empírica com ênfase em métodos estatísticos.
- Pesquisa Crítica em Gestão da Hospitalidade (*Critical Hospitality Management Research - CHMR*): centrada em amplas redes acadêmicas; metodologias e métodos mistos; pluralista e experimental; eticamente consciente e reflexiva; teoria fundamenta a prática; duplo interesse (agenda de estudos e de gestão).

O interessante dessa abordagem, além de explicar a trajetória dos estudos em Hospitalidade, em especial na Europa, é que também se aplica às pesquisas desenvolvidas no âmbito do programa de pós-graduação “*stricto sensu*” em Hospitalidade da Universidade Anhembí Morumbi, em suas duas linhas. A primeira, voltada aos Processos e Práticas, se alinha à orientação dos Estudos da Hospitalidade, e a segunda, Serviços e Organizações, à dos estudos em Gestão da Hospitalidade. Pode-se ainda prever que no futuro uma nova linha de pesquisa nesse programa, seguindo a terceira orientação (CHRM).

Fica a indagação se as orientações de Lugosi, Lynch & Morrison (2009) explicariam a trajetória das pesquisas em Hospitalidade de outro programa de pós-graduação na área, o da Universidade de Caxias do Sul. Acredita-se que se há essa relação ela é parcial, uma vez que pesquisadores do programa propõem uma teoria baseada na perspectiva coletiva da Hospitalidade, denominada Corpo Coletivo Acolhedor (Santos; Perazollo, 2012, p. 3), como um sistema de sustentação do planejamento turístico que envolve: “a) o conjunto dos serviços disponibilizados no âmbito das relações internas/externas; b) o organismo gestor, de natureza operacional, pública e privada; c) a cultura e o conhecimento gerado, compartilhado e transmitido pelo grupo/comunidade”. Nota-se nesta proposta a influência de Baptista (2008), que trata da hospitalidade no âmbito da pedagogia, além de outros autores não vinculados à gestão da Hospitalidade.

Independentemente de tais alinhamentos virem a se consolidar, deve-se considerar o pensamento de Camargo (2010) sobre a emergência do paradigma da Hospitalidade e suas contribuições ao avanço das ciências aplicadas ao Turismo. Um indicador deste fato é o livro intitulado *The Host Gaze in Global Tourism* (Moufakkir & Reisinger, 2013), que trata dos encontros entre anfitrião e convidado (hóspede) no Turismo, com foco nos diferentes tipos de olhares do anfitrião e os papéis que lhes estão associados, além de aspectos religiosos,

comunais, culturais, psicológicos e emocionais deste olhar em diferentes ambientes socioeconômicos, políticos e culturais.

Então surge o questionamento ao final deste artigo: a emergência de uma abordagem teórica que tenha como sujeito central não mais o turista, mas sim o anfitrião é um novo paradigma da pesquisa em Turismo?

Considerações Finais

Este texto não se finaliza em si próprio e nem apresenta conclusões, mas lança argumentos para a discussão das teorizações do Turismo, que precisam ser retomadas independentemente da corrente de pensamento que as fundamenta. É claro que cada pesquisador deverá eleger a abordagem teórica da sua pesquisa de acordo com a sua formação acadêmica, seu objeto de estudo e outros fatores intervenientes. Porém, não se pode passar ao largo do assunto tendo em vista a realidade, atual e futura, do Turismo não mais encerrado em si mesmo, mas aberto ao diálogo. Diálogo com outras áreas e campos de estudo, diferentes níveis da disciplinaridade, variados aspectos da vida humana além da ciência...

Não se tem respostas para tantos diálogos que se mesclam e se transformam, assim como o mundo em que se vive. Não se trata da absorção superficial das teorizações citadas, mas da necessidade de compreensão destas e da apropriação do(s) conhecimento(s) teórico(s) que fundamentam as pesquisas. Ao mesmo tempo, perscrutar avanços em outras áreas e/ou conceber novas visões teóricas com pesquisadores é bastante promissor, já que se pensa em quebra de fronteiras disciplinares, em transversalidade, em complexidade, em sustentabilidade, em ética...

Por fim anota-se que algumas propostas teóricas, quando apresentadas à comunidade geral da área, podem ser pouco compreendidas e apreendidas face à linguagem hermética e/ou fechada em sua área de origem. Nesse sentido, a comunicação científica se revela tão relevante quanto a produção científica, pois se não for legível aos estudiosos não terá impacto na evolução do conhecimento do Turismo.

A interpretação de parte da trajetória teórica dos estudos em Turismo aqui exposta traz a visão da sua autora com a subjetividade própria da área de formação e trajetória acadêmica e profissional percorrida. Como uma nova aventura científica, escrever este texto foi desafiador, mas ao terminá-lo defronta-se com miríade de “tecidos” em construção que descortinam possibilidades promissoras de estudo do Turismo no Brasil, ao ponto de se considerar que o risco valeu “a pena”.

Referências

Ateljevic, I., Pritchard, A., Morgan, N. (Eds.). (2007). *The critical turn in tourism studies: innovative research methodologies*. Amsterdam, Routledge.

Ateljevic, Irena; Pritchard, Anette; Morgan, Nigel (Ed.). (2012). *The critical turn in tourism studies: creating an academy of hope*. Amsterdam, Routledge.

- Baptista, I. (2008). Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, 5 (2) 13-22.
- Beni, M. C. (1988). *Sistema de turismo: construção de um modelo teórico referencial para a aplicação na pesquisa em Turismo*. São Paulo, Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo.
- Beni, M. C. (2001). *Análise estrutural do turismo*. 6. ed. São Paul, SENAC.
- Beni, M. C.; Möesch, M. (2015). *Turismo e transdisciplinaridade: releitura reflexiva e axiológica do SISTUR - Sistema de Turismo*. Brasília: Unb (texto mimeografado).
- Boullón, R. C. (2002). Planejamento do espaço turístico. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru, EDUSC.
- CAMARGO, L. O. L. (2010). El paradigma de la hospitalidad como una dádiva: la contribución posible para las ciencias aplicadas al turismo. In: Castilho Nechar, M. & Panosso netto, A. (Orgs.). *Epistemologia del turismo*. México, Trillas, pp. 129-154.
- Dachary, A. C. & Burne, S. M. A. (2006). El estudio del turismo. Un paradigma en formación? *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, 15 (2) 179-192.
- Dencker, Ada de F. M. (2003). A abordagem científica em hospitalidade. In: Dencker, A. de F. M. (Org.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, pp. 93-112.
- Farrell, B. H.; twining-Ward, L. Un nuevo concepto del turismo. *Annals of Tourism Research* en español, 6 (1) 65-90.
- Fernández Fúster, L. (1971), *Teoría y técnica del turismo*. Madrid, Nacional, tomos I e II.
- Gallo, S. (2003). *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte, Autêntica (Coleção Pensadores e Educação).
- Jafari, J. & Aaser, D. (1988). Tourism as the subject of doctoral dissertations. *Annals of Tourism Research*, 15(1) 407-429.
- JAFARI, J. (1994). La cientifización del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, 3 (1) 7-36.
- JAFARI, J. (1994). La cientifización del turismo. *Estudios y Pespectivas en Turismo*, 3 (1) 7-36.
- Jafari, J. (2001). The scientification of tourism. In: Smith, V. & Brent, M. (Eds.). *Hosts and guests revisited: tourism issues of the 21 century*. New York: Cognizant Communication, pp. 28-41.
- Jafari, J. (2003). Retracing and mapping tourism's landscape of knowledge. *ReVista: Tourism in thje Americas. Harvard Review of Latin America*. Recuperado em 17 nov. 2003, de <http://www.faz.harvard.edu/~drclas/publications/revista/tourism/jafari/llico.html>
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, 42 (1) 39-56.
- Jafari, J. Aaser, D. T (1988). Tourism as the subject of doctoral dissertations. *Annals of Tourism Research*, 15 (3) 407-429.
- Krippendorff, J. (2000). *Sociología do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo, Aleph.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*. 6 (4) 390-407.
- Lugosi, P.; Lynch, P. & Morrison, A. (2009). Critical hospitality management research. *The Service Industries Journal*, 29 (10) 1465–1478.
- McBeth, J. (2005). Towards an ethics platform for tourism. *Annals of Tourism Research*, 32 (4) 962-984.

- McLaren, D. (1998). *Rethinking tourism and eco-travel*. Bloomsfield, Kumaran.
- Möesch, M. (2004). *Epistemologia social do turismo*. São Paulo, Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo. v. 1-2.
- Molina, S. (2003). O pós-turismo. São Paulo, Aleph.
- Morin, E. (2001). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Moufakkir, O. & Reisinger, Y. (2013). *The host gaze in global tourism*. Wallingdorf, CABI.
- Nogueira de Moraes, L. (2009). Sustentabilidade no contexto do desenvolvimento turístico: conceitos e modelos a partir de uma abordagem sistêmica. In: Seminário Internacional de Turismo, 11, 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba (1 cd-rom).
- Nogueira de Moraes, L. (2014). Inheriting sustainability: world heritage listing, the design of tourism development and the resilience of social-ecological complex adaptive systems in small oceanic islands: a comparative case study of Lord Howe Island (Australia) and Fernando de Noronha (Brazil). These PhD, Melbourne, University of Melbourne.
- Panosso Netto, A. & Trigo, L. G. G. (2009). *Cenários do turismo brasileiro*. São Paulo, Aleph.
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo, Aleph.
- Rejowski M. & Kobashi, N. Y. (2011). Subsídios para elaboração de um tesouro brasileiro de turismo. *Revista Turismo em Análise*, 22 (3) 579-598.
- Rejowski, M. & Bastos, S. (2014). *Pesquisa científica em hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica*. São Paulo (texto mimeografado)
- Rejowski, M. (1993). *Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975 a 1992): configuração e sistematização documental*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rejowski, M. (2010). Pesquisa científica em turismo no Brasil: comunicação, produtividade e posicionamento (1990 a 2005). Relatório de Pesquisa CNPq, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.
- Rejowski, M. (2013). Pesquisa científica em turismo no Brasil: comunicação, produtividade e posicionamento – fase 2 (1990 a 2010). Relatório de Pesquisa CNPq, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.
- Santos, M. M. C. & Perozallo, O. (2012). Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 6 (1) 3-14.
- Sogayar, R. L. (2010). *Hospitalidade no ensino superior: estudo de caso do programa Tourism Education Future Iniciatives*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*. Great Britain, Pergamon, 24 (4) 638-657.
- Tribe, J., Airey, D. (2007). A review of tourism research. In: Tribe, J. & Airey, D. (Eds.) *Developments in tourism research*. Routledge, 2007 (Routledge Advances in Tourism).
- URRY, J. (1996). O olhar do turista. São Paulo, SENAC.